[Recensão a] Samuel da Silva — Tratado da Imortalidade da Alma

Autor(es): Rodrigues, Manuel Augusto

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43946>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-8925_3_22

Accessed : 26-Apr-2023 11:49:17

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS

Volume III

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS
COIMBRA 1981

Estamos diante de uma obra de extraordinária envergadura que merece os melhores encômios. Não é um trabalho de pura investigação nem de simples divulgação. Os seus responsáveis procuraram o meio termo. Com uma sólida fundamentação documental, os problemas são abordados com grande rigor científico e com uma preocupação séria de abranger os aspectos espirituais, culturais, sociais e políticos e económicos. E não se esqueceu de abordar a Igreja como instituição e as suas relações com o Estado. Elaborada por especialistas de reconhecido valor, esta obra marcará um ponto definitivo na investigação da evolução histórica do povo espanhol e contribuirá para uma compreensão mais profunda e objectiva do lugar essencial que a Igreja ocupou na vida do país vizinho. É um trabalho notável que fica a passar de leitura obrigatória para quem se debruce sobre a história da Igreja em Espanha. Actualizando muito do que fora dito antes e aprofundando temas que eram tratados de forma ligeira, este trabalho, culminando um esforço feito ao longo de séculos, permanecerá a partir de agora como o tratado fundamental da história da Igreja de Espanha. O comité organizativo constituído por Vicente Carcel Orti, Javier Fernandez Conde, Jose Luis González Novalin e Antonio Mestre Sanchez está de parabéns pela empresa realizada, o mesmo se devendo dizer da Biblioteca de Autores Cristãos.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

SAMUEL DA SILVA — Tratado da Imortalidade da Alma. Fixação do Texto, Prefácio e Notas de Pinharanda Gomes. Colecção «Pensamento Português». Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1982. LXII + 264 pp.

Na «Colecção Pensamento Português» foram até ao momento editadas algumas obras de relevante interesse para a história da Cultura Portuguesa: *Temas e Questões*, de J. P. Oliveira Martins; *Apologia*, de Álvaro Gomes; *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, de Pedro Amorim Viana e *Prosas Sócio-Políticas*, de Antero de Quental. É uma série que vem enriquecer a vasta gama de publicações da Imprensa Nacional — Casa da Moeda que ultimamente tem lançado no mercado do livro obras de grande importância.

Em 1616 Uriel da Costa, canonista português que se havia convertido ao judaísmo, emigrou para Amsterdão, onde procurou um ambiente em que pudesse gozar de liberdade religiosa e do convívio com outros judeus portugueses que residiam na Holanda. Como «demandista» — filósofo, entregou-se ao estudo da religião hebraica com enorme empenho chegando a conclusões extremas: negou a imortalidade da alma e a lei oral. Fácil é de compreender que tal atitude gerou grande confusão na comunidade judaico-portuguesa que era fortemente tradicionalista e

farisaica. Apareceram então diversos livros polémicos e geraram-se mesmo casos graves, como foi o suicídio do próprio Uriel da Costa em 1640. Foram vinte e quatro anos de certa confusão no seio da comunidade de Amsterdão. Era o choque entre o modernismo e o tradicionalismo que surgia naquele ambiente. Entre as publicações de carácter teológico, filosófico e polémico aparecidas dentro desse contexto, conta-se o *Tratado da Imortalidade da Alma* (1623) do médico e rabino português Samuel da Silva, amigo de Uriel mas seu opositor, o qual era natural do Porto, como ele, e exercia a mesma profissão. Faleceu em Amsterdão, em 1650. «Considerado um dos últimos categorizados escritos da Segunda Escolástica Luso-Hebraica, o *Tratado da Imortalidade da Alma* do Dr. Samuel da Silva tornou-se espécie bibliográfica raríssima, só agora sendo possível facultar a sua leitura a mais amplo número de estudiosos e leitores», o que é de louvar.

No prefácio Pinharanda Gomes fornece uma panorâmica geral e bastante elucidativa do judaísmo peninsular, fala dos saduceus e epicúreos e refere-se demoradamente a Uriel da Costa, Samuel da Silva e Moseh Rephael de Aguillar. São notícias muito bem elaboradas que ajudam sobremaneira o leitor a situar o aparecimento do livro *Tratado da Imortalidade da Alma*. É uma breve mas rica síntese da história da comunidade judaica portuguesa antes da expulsão em 1498 e depois na sua fase de existência em Amsterdão e noutros pontos do globo.

A presente edição abrange, além do *Tratado da Imortalidade da Alma* de Samuel da Silva, ainda os textos atribuídos a Uriel da Costa publicados em 1963 pelo Prof. Moreira de Sá, com o título: *Uriel da Costa. Três Escritos*, os quais ajudam a situar o leitor no centro em torno do qual se movem os demais textos do presente volume. É também incluído o *Tratado da Imortalidade da Alma*, de Moseh Rephael de Aguillar, onde são patentes os ecos do processo de Uriel da Costa. Uma vasta e actualizada bibliografia antecede o texto propriamente dito, que começa por uma introdução («Ao Benigno Leitor») e abrange trinta e um capítulos.

Na dita introdução lê-se a iniciar: «Costume é usado nas cidades políticas degradar os empestados, ou pelo menos trancar-lhes as portas, e vedar-lhes o comércio, e ainda para preservar os sãos ordenar defensivos contra a peste; e senão os ares se corrompem, o mal sem ser sentido vai lavrando, e quando menos se imagina leva as cidades, e às vezes províncias inteiras». Estas palavras revelam claramente a intenção apologética da obra.

E prossegue o A.: «Pois tendo hoje entre nós um pior que empestado já que pareceu bem fazê-lo degradar, agora será conveniente prevenir e ordenar triaga contra a peçonha que vai vomitando, de que é bem nos precateemos, e temamos pois com o nome de judeu e capa de fingidas virtudes e modéstias poderia ir destruindo e contaminando alguns singelos e pouco acautelados ânimos, em quem deseja e procura imprimir as falsas e reprovadas opiniões em que anda; e aos tais só pretendemos espertar e advertir porque não periguem se porventura em algum tempo, ou lugar vierem ao trato, ou companhia deste hipócrita, ou doutros mais monstros, que ainda que raramente, todavia algumas vezes degeneram de seus pais». Manifesta, pois, a grande preocupação de defender o depósito da fé judaica contra aqueles que a pretendem mutilar.

O *Tratado da Imortalidade da Alma* abre com cap. I dedicado ao tema da criação do homem e de suas perfeições, assentando toda a sua argumentação em textos escriturísticos. Refuta depois as opiniões falsas acerca da alma e prova a partir

da vontade e da razão que a alma é imortal. O cap. VII é consagrado a provar essa verdade com base em textos da Bíblia. A alma do homem não provém da matéria mas é infundida por Deus no corpo humano. O mundo após a morte merece ao A. uma atenção particular, pois é aí que as almas dos justos alcançarão a felicidade eterna. E Samuel da Silva aproveita cada ocasião que se lhe oferece para refutar os argumentos adversários. Também o tema da justiça divina e o da ressurreição dos mortos lhe merecem uma atenção especial, como era de esperar. Refuta a opinião do seu adversário a respeito da negação do passo bíblico onde se fala da alma de Samuel que vem falar com Saúl; e contesta aquela outra que nega a canonicidade do livro de Daniel. A tradição é explicada e desenvolvida no cap. XXIX com argumentos fortes e irrefutáveis. O último capítulo trata da festividade da lua nova e da sua importância para a vida religiosa judaica.

Seguem-se três escritos de Uriel da Costa, natural do Porto, onde nasceu entre 1580 e 1585. Na Universidade de Coimbra matriculou-se em Leis e em Junho de 1608 parece ter feito ali o último exame de Cânones. Sobre Uriel da Costa escreveu Carolina Michaëlis de Vasconcelos um importante estudo, em 1921. Uma vez que depois de baptizado passou a chamar-se Gabriel da Costa, certos autores confundem-no com outro Gabriel da Costa que foi Professor de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra e escreveu alguns comentários bíblicos. Estudámo-lo no nosso livro *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra. Primeiro Século (1537-1640)* (Coimbra, 1975). Uriel da Costa deixou depois Portugal e emigrou para Amsterdão, convertendo-se ao judaísmo. Em 1640 suicidou-se. No *Exemplar vitae humanae* narram-se as vicissitudes por que passou esta figura do judaísmo. E o Prof. Moreira de Sá publicou na *Revista Brasileira de Filosofia* (vol. XII, 1962, fasc. 47, pp. 355-356) um texto notável em que se alude a Uriel da Costa e aos seus erros.

Os três escritos são: *Propostas contra a tradição*, que se julga datarem de 1616; *Exame das tradições farisaicas*; e o *Exemplar vitae humanae*, «espécie de autobiografia e de libelo acusatório». Foi Abraham Geiger quem na obra *Leon da Modena und seine Stellung zur Kabbalah, zum Thalmud und zum Christentum* (Breslau, 1856) deu a conhecer o primeiro dos referidos escritos. E Gebhardt publicou-o no seu livro *Die Schriften des Uriel da Costa* (Amsterdão, 1922). O *Exame das tradições judaicas* perdeu-se na sua primeira redacção. Mas conserva-se o texto dos capítulos XXIII, XXIV e XXV, que Samuel da Silva transcreveu no *Tratado da Imortalidade da Alma*. Uriel da Costa alterou a forma, mantendo os seus pontos de vista, na segunda redacção do *Exame das tradições pharisaicas...* (Amsterdão, 1624), que, pelo que se sabe, deve considerar-se perdida. O *Exemplar vitae humanae* deve datar de 1640 e foi publicado pela primeira vez por Phelippe van Limborch no seu *De veritate religionis christianae. Amica collatio cum erudito Judaeo* (Gondae, 1687). Aquela obra foi traduzida para várias línguas. Em português há as versões de Epifânio da Silva Dias (*Espelho da vida humana*, Lisboa, 1910, com uma introdução de Teófilo Braga); e de Castelo Branco Chaves (*Exemplo de vida humana*, Lisboa, 1937; reeditada na *Revista Brasileira de Filosofia*, vol. XII, 1962, fasc. 47, pp. 357-371). Para se compreender o pensamento de Samuel da Silva, convém conhecer o de Uriel da Costa.

A obra termina com o *Tratado da Imortalidade da Alma* de Moseh Rephael de Aguillar, natural de Portugal e depois emigrado para Amsterdão. Foi membro

do Colégio dos Rabinos e em 1642 deslocou-se ao Brasil, acompanhando o rabino Isaac Aboab da Fonseca (Castro Daire, 1605 — Amsterdão, ca. 1692), poeta e orador de grande envergadura e historiador das guerras luso-holandesas naquele país. Escreveu várias obras e desempenhou uma acção notável lá. Em 1949 Abílio Martins editou o *Tratado da Imortalidade da Alma* de Aguillar, embora já em 1934 M. de Jong o tivesse publicado em Portugal. A ida para o Brasil deve enquadrar-se dentro daquele sonho de mundo novo ou mundo messiânico que inflamou igualmente o espírito de António Vieira.

O conjunto dos tratados sobre a imortalidade da alma oferece uma ampla perspectiva sobre as ideias do processo de Uriel da Costa, «facilitando a compreensão das raízes ideológicas do mais directo herdeiro de Uriel, o homem que é todo o mundo, Bento de Espinoza, cujas linhas de pensamento não se aprendem sem o conhecimento do debate Uriel — Sinagoga Portuguesa de Amesterdão». Esta obra vem, por isso, enriquecer a história da Cultura Portuguesa, pelo que está de parabéns Pinharanda Gomes pelo notável trabalho desenvolvido, que se vem juntar a outras publicações suas de grande mérito, como *A Filosofia Tomista em Portugal*, de Ferreira Deusdado (Porto, 1978); *A Teologia Tomista em Portugal*, de P. Quintino Garcia (ibid., 1979); *A Filosofia Hebraico-Portuguesa* (ibid., 1981). E está já anunciado para breve *A Patrologia Lusitana*.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

PIERRE-FRANÇOIS MOREAU — Les racines du libéralisme; Une anthologie,
Collection Points, Serie Politique, n.º 90, Éditions du Seuil,
Paris, 1978, 184 pp.

Através da compilação de alguns textos clássicos, o Autor pretende formular uma justificação para as origens da doutrina política que dominou o século XIX — o liberalismo — e também para a sua evolução posterior.

Antes de nos apresentar esses textos, o Autor numa pequena introdução começa por definir liberalismo como «un chant à la gloire de la liberté sous toutes ses formes — politiques, économiques, religieuses — mais plutôt de la liberté d'entreprendre; et un oubli, parfois, des conditions de la liberté». E salienta: «Mais plus qu'une condition, toujours sujette à réserves et à reprises, ce qu'impose le XIX^e siècle c'est le spectacle d'une domination».

A afirmação de que o liberalismo no século XIX é uma doutrina política dominante e solidamente implantada e de que as críticas que lhe são dirigidas pretendem ser mais uma correcção doutrinal do que a sugestão de um sistema de pensamento diferente, como se depreende daquela definição, parece-nos importante mas não inovadora. Assim como não nos surpreende o facto de o Autor apontar a impor-